

KRAHÔ
MÊ AQUÊTJÊ JAKÂMPÊ
NO LUGAR DE TEUS ANTEPASSADOS – UM CHAMADO AO PÁTIO KRAHÔ

Ian Packer¹
José Miguel Cõc
Elton Hiku e José Miguel Cõc

RESUMO

Apresento aqui um exemplar de um gênero de arte verbal krahô denominado *hocjêr xà*. No dia a dia, ele é comumente usado para transmitir recados e avisos sobre o andamento das atividades da aldeia. Já em contexto ritual, ele costuma ser empregado pelos velhos para darem conselhos (*hahkre xà*). É justamente esse o caso do exemplar analisado aqui, no qual um ancião reflete sobre as mudanças por que passa o modo de vida krahô atualmente e sobre a importância de se dar continuidade aos conhecimentos e ensinamentos dos antepassados, exortando as gerações mais novas a não se esquecerem de seu caminho e pensamento.

Palavras-chave: Krahô; Artes verbais; Jê.

¹ Antropólogo, doutorando em Antropologia Social na Universidade de Campinas (UNICAMP). Pesquisador do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena (CPEI). Esse artigo é parte da minha pesquisa de doutorado, financiada pela FAPESP (Processo N° 2015/00760-0) e pela CAPES, a quem agradeço pelo apoio. Agradeço também a Bruna Franchetto, Antonio Guerreiro Júnior e Ana Gabriela Morim de Lima pelos comentários a uma versão preliminar deste artigo e a Gabriela Aguillar Leite pela versão para o inglês.

Anthropologist and doctoral candidate in Social Anthropology at the University of Campinas (UNICAMP). Researcher in the Center for Indigenous Ethnographic Research (CPEI). This article is part of my doctoral research, financed by FAPESP (Process number 2015/00760-0) and CAPES, whom I thank for their support. I also thank Bruna Franchetto, Antonio Guerreiro Júnior, and Ana Gabriela Morim de Lima for their comments on a preliminary version of this article, and Gabriela Aguillar Leite for help with the English version.

ABSTRACT

I present here an example of a Krahô verbal art genre which is referred to as *hocjêr xà*. In the everyday life of the Krahô, this genre is commonly used to convey messages and news about the progress of village activities. On the other hand, in the ritual context, it is used by the elders to give advice (*hahkre xà*). This is the case of the piece analyzed here, in which an elder reflects on changes in the Krahô way of life and on the importance of giving continuity to the knowledge and teaching of the forefathers, exhorting the younger generations not to forget about their path and thought.

Keywords: Krahô; Verbal arts; Jê.

Introdução

Apresento aqui um exemplar de um gênero de arte verbal krahô denominado *hocjêr xà* (‘chamado’), cujo locutor também é identificado por uma denominação específica, *hocjêr catê*, ou ‘chamador’, figura que não se confunde com a do ‘cantor’ (*increr catê*). Ele foi executado por José Miguel Cõc, ancião de origem Apinajé, mas que vive desde criança entre os Krahô. Este material foi gravado em setembro de 2016 na aldeia Pedra Branca e, em novembro de 2017, transcrito em língua krahô e traduzido para o português em colaboração com Elton Hiku, professor da aldeia Pé de Côco. Em seguida, a tradução foi revisada com o auxílio do próprio Cõc, a fim de se esclarecer alguns termos que, segundo Hiku, são “palavras dos antigos”, recorrentes em falas cerimoniais.

1. O povo e a língua²

Os Krahô ou *mêhĩ* (“corpo humano” ou “pessoa humana”), como se autodenominam, vivem na região nordeste do estado de Tocantins, próximo à fronteira com o Maranhão. O contato com a população não-indígena se iniciou por volta do final do século XVIII, quando criadores de gado do Maranhão começaram a expandir suas fazendas sobre suas terras, dando início a sucessivos conflitos que se estenderam pelos séculos XIX e XX. Após sucessivas tentativas de expulsão e de extermínio, em 1848 o missionário capuchinho Frei Rafael de Taggia conseguiu remover os Krahô mais para o sul, junto à foz do Rio Sono, onde criou uma missão na região da atual cidade de Pedro Afonso. No entanto, após uma série de epidemias e conflitos, os Krahô decidiram retornar ao seu território

² Agradeço a Maxwell Miranda (UFMT) por ter colaborado com a descrição tipológica da língua krahô e pela revisão da tradução interlinear.

tradicional, iniciando deslocamento rumo ao norte (NIMUENDAJU, 1946). Desde o início do século XX, eles vivem na região entre os rios Manuel Alves Grande e Vermelho, atuais municípios de Itacajá e Goiatins. Nos anos 1940, após novo conflito com os fazendeiros da região, sofreram um ataque armado a uma de suas maiores aldeias, episódio ainda hoje lembrado e oralmente narrado às gerações mais novas. Foi somente após esse acontecimento que o governo brasileiro decidiu demarcar seu território, homologando a Terra Indígena Krahô, com cerca de 320.000 hectares, onde vivem atualmente uma população de cerca de 3 mil pessoas (SESAI 2014), distribuídas em 32 aldeias. Com a demarcação, foi instalado na região um posto do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que deu início a um intermitente processo de escolarização por meio do qual alguns Krahô iniciaram o aprendizado da escrita em português (LADEIRA, 2001; GIRALDIN, 2015).

A língua krahô, ou *mẽhĩ jarkwa* ('língua de gente'), é uma das variedades do conjunto dialetal Timbira oriental, formado pelos povos Canela-Apãnjêkra, Krĩkati, Gavião-Pykobjê, Gavião-Parkatêjê e Canela-Ramkôkamêkra e filiado à família Jê Setentrional (Macro-Tronco Jê). Ela apresenta pouca complexidade morfológica e categorias gramaticais como tempo, modo, aspecto, modalidade, evidencialidade, número e pessoa são expressas mais por dispositivos sintáticos e lexicais do que morfológicos (cf. linhas 18-20, 31, 70-74, 96-99, 102, 103). A literatura linguística mais recente (RODRIGUES, 2000), contudo, aponta para a existência de uma flexão relacional, cuja função indicaria uma relação de dependência sintática entre o núcleo e seu determinante. A flexão relacional, em língua krahô, contrasta dois prefixos mutuamente exclusivos: um para sinalizar a contiguidade sintática do determinante com respeito ao seu núcleo, formando, assim, uma unidade sintática (cf. linhas 8, 27 e 42); outro, para indicar a ausência ou não contiguidade daquele em relação a este (cf. linhas 10, 13 e 19). Esse tipo de marcação morfológica caracteriza a língua krahô como uma língua de núcleo marcado (*head-marked*) (NICHOLS, 1986).

Na morfologia verbal, um traço tipológico presente na língua krahô é o contraste entre formas verbais “curtas” e “longas” (POPJES & POPJES 1986). As chamadas “formas longas” são, na realidade, formas nominais (não finitas) do verbo, derivadas por meio do sufixo nominalizador *-r* e seus alomorfes *-m*, *-n*, *-t*, *-k* ou *-Ø* (MIRANDA, 2010, 2014). A peculiaridade da nominalização na língua krahô é que, além dos contextos oracionais típicos em que ela é exigida (como em grande parte das orações dependentes), ela também é usada como núcleo de orações independentes, quando exprime aspecto perfectivo (cf. linhas 81 e 106). Em outras situações como aquelas em que o núcleo verbal finito é modificado por certos elementos adverbiais, a forma nominal também é exigida. Os efeitos da nominalização na sintaxe da língua krahô se refletem diretamente no sistema de marcação de

caso, cujos argumentos nucleares nas funções sintáticas S, A e O (DIXON 1979, 1994)³ são expressos pelos mesmos pronomes pessoais, mas diferem quanto à marcação sintática. Desse modo, S e O tratados de modo idêntico (cf. linhas 15, 26, 72, 81 e 83), em oposição ao argumento em função A que é marcado pela posposição ergativa *te*, que se desenvolveu historicamente a partir da posposição genitiva homônima (cf. linhas 15, 22 e 29). Nesse âmbito da gramática, o sistema de marcação de caso da língua krahô caracteriza-se por ser do tipo cindido, o qual é determinado pela natureza verbal ou nominal do núcleo da oração.

O sistema pronominal krahô contrasta duas séries pronominais; uma nominativa e outra absoluta, que se distinguem conforme a função sintática que desempenham. A série nominativa é constituída por formas pronominais independentes que, sintaticamente, exercem a função de sujeito em orações verbais transitivas e intransitivas de predicados verbais (cf. linhas 14, 16 e 36). A série absoluta, por sua vez, é constituída por formas pronominais dependentes (clíticos) que se combinam com temas nominais possuíveis, posposicionais e verbais (cf. linhas 4, 6 e 15). Sintaticamente, as formas pronominais dessa série codificam o possuidor de um nome, o complemento de posposição, o objeto direto e o sujeito de verbos transitivos e intransitivos de orações, cujo núcleo ocorre na forma nominal.

No que se refere ao léxico, uma propriedade gramatical dessa e de outras línguas Jê, é a existência de formas verbais supletivas, que se opõem quanto à expressão de ação única *vs* ação múltipla (D'ANGELIS, 2004). Outro fator que determina o uso de verbos supletivos é a categoria de número (singular *vs* plural) do argumento interno do verbo, isto é, sujeito de um verbo intransitivo e objeto direto de um verbo transitivo (cf. linhas 18 a 21).

Em relação à sintaxe, a língua krahô segue a ordem de constituintes SOV, tanto nas orações independentes, quanto nas dependentes. No sintagma nominal, posposicional e verbal, o determinante precede o núcleo. Contudo, no sintagma nominal, os modificadores seguem o núcleo. No sintagma verbal, somente alguns elementos adverbiais (modo e intensidade) e de negação ocorrem na posição pós-verbal (cf. linhas 8, 22, 29 e 46), enquanto os demais ocorrem na posição pré-verbal (cf. linhas 20, 30 e 54).

3 Na literatura tipológica, usa-se essas letras para exprimir as seguintes funções sintáticas nucleares: S = Sujeito Intransitivo; A = Sujeito Transitivo; e O = Objeto Direto.

Para os propósitos do presente trabalho, foi adotada a escrita ortográfica⁴ estabelecida em 1986 pelos linguistas e missionários do *Summer of International Linguistics* (SIL), Jack Popjes e Josephina Popjes, a qual também é usada nos materiais escolares produzidos em língua krahô.

2. Sobre a chamado

O *hocjêr xà* pode ser comparado, enquanto gênero verbal, a algumas modalidades discursivas análogas que são encontradas em outros povos ameríndios do Brasil Central. Entre os Kîsêdjê, por exemplo, os gêneros *kapêrê kahrîre* (‘fala triste’) e *mẽ mbaj hwaj ne kapêrê* (‘fala que todos ouvem’) parecem possuir função e contexto de execução similares (SEEGER, 2015), assim como os *engingita* dos Kuikuro que, apesar de já não serem muito praticados, são descritos por Franchetto (1986: 377) como uma forma oratória com a qual os chefes adormeciam ou acordavam a aldeia e, por meio dela, “estimulavam as tradições, anunciavam ‘festas’, alertavam contra a preguiça e o egoísmo – ‘ensinavam’”. Do ponto de vista rítmico e melódico, o *hocjêr xà* se distingue do padrão da fala do dia a dia por possuir uma forma prosódica especial. Uma das características dessa forma é o alongamento da vogal da última sílaba de certas frases, o que lhe dá o tom de um ‘chamado’ para atrair a atenção de ouvintes que estão distantes do enunciador⁵. Há uma margem considerável de autonomia para escolher seu conteúdo e selecionar o tipo de informação a ser transmitida, o que não significa que não existam recursos retóricos constitutivos da poética do gênero e que devam ser usados por um bom chamador. Assim, no interior do gradiente das formas de expressão verbal krahô, esse gênero se situa a meio caminho entre a fala (*harkwa*, *harên*) e o canto (*increr*), podendo ser compreendido como um tipo de “fala cantada” (Franchetto, 2000), o que também se aplica a outros gêneros verbais krahô.

O *hocjêr xà* é empregado pelos Krahô em diferentes situações. No dia a dia, é executado para transmitir informações acerca de um evento que acabou de acontecer ou que vai acontecer em breve e que é de interesse de todos conhecer, bem como recados e avisos sobre o andamento das atividades da aldeia de modo geral (caçadas, trabalho nos roçados, idas à cidade, detalhes sobre a organização de uma festa, etc). Após as cotidianas reuniões matinais e noturnas dos homens no pátio (*cà*), frequentemente

4 Correspondências grafema/fonema da ortografia krahô: <p> : /p/, <t> : /t/, <g> : /ŋ/, <qu>, <c> : /k/, <k> : /k^h/, <x> : /ts/, <m> : /m/, <n> : /n/, <r> : /r/, <j> : /j/ e <w> : /w/. O grafema <h>, em início de sílaba, corresponde à consoante fricativa glotal surda /h/; em final de sílaba, ele representa a consoante oclusiva glotal /ʔ/. Os grafemas vocálicos são: <a> : /a/, <â> : /e/, <y> : /ɔ/, <ã> : /ã/, <e> : /ɛ/, <ê> : /e/, <ẽ> : /ẽ/, <i> : /i/, <î> : /ĩ/, <y> : /î/, <ÿ> : /ÿ/, <o> : /ɔ/, <ô> : /o/, <õ> : /õ/, <u> : /u/ e <ũ>.

5 Por essa razão, na transcrição optei por preservar algo do efeito sonoro desse recurso retórico e dramático repetindo a última vogal das frases em que ocorre esse alongamento.

se ouve esse modo de expressão verbal ecoando pela aldeia, meio pelo qual as decisões que foram tomadas são comunicadas a todos. Ainda que mais comumente empregado por homens, pode ser utilizado também pelas mulheres, geralmente as mais velhas, para convocar reuniões e comunicar decisões sobre assuntos que dizem respeito somente a elas. O *hocjêr xà* também é mobilizado em contexto ritual para chamar homens e mulheres, cantores e cantoras para virem ao pátio participar sem ‘embaraço’ ou ‘vergonha’ (*pahàm*) das cantorias e dos movimentos rituais, engajando-se na produção da ‘alegria’ (*amjikĩn xà*), emoção cuja produção está no cerne da ação ritual entre os Krahô. Além disso, essa modalidade discursiva também costuma ser empregada pelos anciões e por figuras de maior autoridade para fazerem exortações e darem ‘conselhos’ (*hahkre xà*) ao restante da aldeia, quando repreendem comportamentos que julgam pouco adequados.

É justamente esse o caso no exemplar que apresento aqui. A gravação aconteceu durante a realização de um *Pàrcahàc*, ritual krahô que marca o encerramento do período de luto dos parentes de uma pessoa falecida e que deve ser realizado dentro do prazo máximo de um ano após o falecimento. Na última noite da festa, que se conclui na manhã seguinte com uma corrida de toras, ocorre uma cantoria ao longo de toda a madrugada no pátio da aldeia, quando se busca “alegrar o morto” uma última vez e com isso dissipar a tristeza que continua a uni-lo aos vivos num sentimento recíproco de ‘saúde’ (*japac xà*). Nessa modalidade de canto (*increr*), todos ficam sentados voltados para a direção do sol poente (*harã rũmpê*), e um cantor e cantora principais puxam os cantos, sendo seguidos pelos demais. Como são muitas horas de cantoria, cabe aos parentes do morto alimentar os cantores e mantê-los aquecidos e animados, de modo que em alguns momentos a cantoria se interrompe e garrafas de café e grandes travessas de arroz, feijão, carne, beiju e bolachas são enviados ao pátio.

Acontece que o pátio estava vazio naquela noite, e poucas pessoas ajudavam Pacajhê, o principal cantor, a cantar. Em determinado momento, Cõc cessou então de cantar e, erguendo-se, passou a emitir um *hocjêr xà*, atravessando a voz dos cantores, que seguiam cantando. Cõc inicia seu ‘chamado’ elogiando e estimulando a alegria de Pajcahhê e perguntando-lhe, de maneira retórica, qual a razão da ausência dos mais jovens no pátio (linhas 1-8). Em seguida, ele afirma que ninguém está aprendendo os cantos, que em outras aldeias já não há mais nada, nem festas nem cantores, e que ele e Pajcahhê estão vendo o caminho que as coisas estão tomando (linhas 8-18). Encontramos, assim, já nas linhas iniciais, o cerne da estratégia discursiva de Cõc, que consiste em contrastar e opor dois tipos de comportamentos, os quais possuem uma expressão social e espacial muito clara e são diferentemente valorados por ele: aqueles que estão cantando no pátio e aqueles que permanecem em silêncio em suas casas e que, segundo Cõc, só virão ao pátio quando já estiverem embriagados (linhas 18-22). Um

dos recursos linguísticos empregados por Cõc para criar essa clivagem consiste no uso recorrente de pronomes de segunda pessoa do plural dual exclusiva (*pa-*, *cu*), que criam para sua mensagem dois destinatários, ao invés de um ouvinte coletivo e homogêneo. Além disso, a performance vocal em si mesma expressa essa dualidade, já que mesmo quando se dirige explicitamente a Pajcahhê, que está ao seu lado, o volume e altura de sua voz são elevados a fim de alcançar as pessoas que não estão presentes. Assim, as pessoas que estão reunidas no pátio são um destinatário retórico ou intermediário, e as pessoas ausentes é que constituem o destinatário real e final de sua fala. Paradoxalmente, a estas Cõc diz que então ‘fiquem assim mesmo’, ‘se virem’ ou ‘cacem um rumo’ (linhas 23-26), expressões antinômicas, já que se trata justamente de criticar esse comportamento negligente em relação à vida ritual no pátio.

O pátio não é, contudo, apenas um espaço físico. Por ser o *locus* paradigmático de transmissão de conhecimento ritual, o pátio é também a expressão de uma temporalidade mais profunda, por meio da qual se produz uma memória social. A crítica de Cõc aos ausentes se configura, assim, como uma ampla reflexão sobre o modo de vida krahô, sobre as transformações pelas quais passa atualmente e sobre a importância de se dar continuidade aos conhecimentos e ensinamentos tradicionais. Estes três planos se articulam por meio de uma formulação fundamental, *mẽ apãmjê mẽ aquêtjê jakâmpê*, ‘no lugar dos teus antepassados’ (linhas 27 e 28), que constitui um tropo central da poética tanto deste, quanto de outros gêneros das artes verbais krahô, e sobre cuja tradução vale a pena se deter brevemente aqui.

Como disse, ambos os vocábulos, *pãmjê*⁶ e *quêtjê*, podem ser traduzidos por ‘antepassados’ ou, como costumam dizer os Krahô, ‘antigos’. Apesar deste sentido em comum, eles são compostos, contudo, por diferentes morfemas. *Pãm* é um dos termos de parentesco para ‘pai’, enquanto o lexema *quêt* guarda uma variedade de referentes possíveis. No uso corrente, *quêt* costuma ser acompanhado do intensificador *-ti*, constituindo o termo de parentesco *quêtiti*, que denomina tanto o ‘tio materno’ (MB), quanto o ‘avô’, paterno e materno (MF, FF)⁷. *Quêtiti* também é o termo pelo qual ego masculino se refere e chama aquele de quem recebeu seu(s) nome(s) pessoais, isto é, seu ‘nominador’, que via de regra deverá ser alguém que ocupe umas dessas posições genealógicas. Neste último sentido, o *quêtiti* possui estreita relação com o pátio e a vida cerimonial, já que é por meio da onomástica que

6 Há cognatos desses termos na língua kisedjê, cf. Nonato, R. & Suyá, K., Suyá, J., Suyá, K. (2017).

7 *Quêt* também pode ser acompanhado do atenuador *-re* para designar os tios maternos mais novos. Atualmente esta terminologia está em desuso para designar o ‘avô’ (MF, FF), sendo mais frequente o emprego do termo *wej*, corruptela do português ‘velho’.

um indivíduo Krahô passa a se vincular a um dos pares das metades cerimoniais *Catâmjê* e *Wacmêjê*, que organizam boa parte de seus rituais. A essa variedade de referentes, soma-se ainda o fato de que o morfema *-jê*, além de ser um pluralizador, quando aposto a determinados termos de parentesco (como é o caso aqui), é um indicador que se trata de uma pessoa já falecida⁸. Assim, tendo em vista a polissemia desses termos, e tendo em vista que eles ocorrem cerca de 30 vezes ao longo de todo o discurso de Cõc, busquei variar suas possibilidades de tradução, alternando ‘antepassados’ com ‘falecidos pais’, ‘falecidos tios’, ‘falecidos avós’ ou ainda ‘falecidos nominadores’, conforme se verá abaixo.

Assim, por meio desta formulação, o orador Cõc faz o elogio do modo de vida dos antepassados, exaltando a força, a vontade e a animação com que cantavam (linhas 31-40), corriam com toras e concluíam suas festas (linhas 47-49), contrapondo-o com a vida contemporânea, onde cada vez mais reina o desânimo e o silêncio. Cõc atribui esta situação a dois fatores principais: o uso crescente da língua portuguesa pelas gerações mais jovens (linhas 54-56) e o consumo constante de cachaça (linhas 75-80), que fazem com que ‘o bom/belo/correto pensamento’ (linhas 57-62) dos antepassados fique abandonado, esquecido e, no limite, o fará deixar de existir (linhas 50-53 e 81-82). Diante deste retrato “decadentista” e a fim de remediá-lo, Cõc trata então de realçar a posição de mediação que ele, assim como os demais cantores, ocupam. Em um momento fundamental de seu discurso (linha 63), ele substitui os ‘falecidos pais’ e ‘falecidos nominadores’ e, por meio de uma sutil manipulação pronominal e lexical, coloca-se a si mesmo como ancião, pai e nominador daqueles a quem dirige a palavra: ‘Eu sou teu pai, teu cabeça-velha’⁹. Assim, após os sucessivos elogios feitos ao modo de vida virtuoso dos antepassados, o súbito deslocamento pronominal para a primeira pessoa permite que Cõc se identifique a estes, produzindo como efeito que ele seja escutado e entendido, se não como um deles, ao menos como uma espécie de “porta-voz” direto. Como ele diz nas linhas seguintes (64-66): ‘O rastro de teus falecidos avós / o rastro de teus pais / a palavra deles eu sempre ouvi e aqui na minha cabeça está’ e exorta, então, os ausentes a, como ele, ouvirem a palavra ancestral que agora é ele quem comunica: ‘Então me ouçam’ (linha 75); ‘Por isso me ouçam’ (linha 83), ‘Vocês me ouçam’ (linhas 87 e 88).

8 Como, por exemplo, nos termos *i-kra-jê* (1-filho-falecido), *i-prô-jê* (1-esposa-falecida), entre outros. Além disso, esse morfema também poder ser empregado como um vocativo para se referir a afins (sogra, cunhado, genro, etc.).

9 *Krãhtum*, literalmente ‘cabeça velha’, termo que designa tanto o ‘nominador’ de ego, quanto os velhos em geral, e que recobre, portanto, parcialmente o significado do termo *quêtti*.

Cõc se encaminha então para o final de seu discurso como sendo a manifestação viva do pensamento dos antepassados e estando *no lugar* deles. No interior desse enquadramento meta-discursivo, o emprego recorrente de verbos estativos a partir da linha 70 em diante adquire, assim, valor aspectual e temporal, remetendo à *continuidade* do processo de transmissão e aprendizagem dos cantos e conhecimentos rituais levado a cabo por aqueles que *ficam sentados* no pátio – o qual, a essa altura do discurso, já é denominado por Cõc como ‘o clarão dos teus antepassados’ (*mẽ aquêjtjê jũcarã*; linha 103).

KRAHÔ MÊ AQUÊTJÊ JAKÂMPÊ

IN THE PLACE OF YOUR FOREFATHERS – A CALL TO THE KRAHÔ CENTRAL PLAZA

Introduction

I present here an example of a Krahô verbal art genre, which is referred to as *hocjêr xà* ‘call’, whose enunciator is also identified by a specific designation, *hocjêr catê*, or ‘caller’, a figure not to be confused with that of the ‘singer’ (*incrêr catê*). This call was executed by José Miguel Cõc, an old man of Apinajé origin, but who has lived among the Krahô since he was child. The material was recorded in September 2016 in the Pedra Branca village and in November 2017, it was first transcribed in the Krahô language and later translated into Portuguese in collaboration with Elton Hiku, a teacher in the Pé de Côco village. The translation was then revised with the help of Cõc himself, to clarify some terms that, according to Hiku, are “words of the ancients”, recurring in ceremonial speeches.

1. The people and the language¹⁰

The Krahô or *mêhĩ* (“human body” or “human person”), as they call themselves, live in the northeastern region of the state of Tocantins, near the border with Maranhão. Krahô contact with the non-indigenous population dates from the end of the eighteenth century, when cattle farmers from Maranhão began to expand their farms into indigenous lands, initiating successive conflicts that extended throughout the nineteenth and twentieth centuries. After persistent attempts to drive away or exterminate the Krahô people, in 1848 the Capuchin missionary Frei Rafael de Taggia was able to remove the Krahô to the southern part of the state, near the mouth of the Sono River, creating a mission in the place where the city of Pedro Afonso is nowadays located. However, after a series of

¹⁰ I thank Maxwell Miranda (UFMT) for collaboration on the typological description of Krahô and revision of the interlinear analysis.

epidemics and conflicts, the Krahô decided to return to their traditional territory, moving towards the north (NIMUENDAJU, 1946). Thus, since the beginning of the twentieth century, they live in the region between the Manuel Alves Grande and Vermelho rivers, where the cities of Itacajá and Goiatins are now located. In the 1940s, after a new conflict with the farmers in the region, the Krahô people suffered an armed attack on one of their largest villages, an event still remembered today and narrated orally to the younger generations. It was only after this event that the Brazilian government finally decided to formally demarcate their land, establishing the Krahô Indigenous Territory, which covers around 320,000 hectares and where a population of about 3,000 people currently live (SESAI 2014), distributed in 32 villages. Along with the demarcation of their land, a station of the Indigenous Protection Service (SPI) was installed in the region, initiating an intermittent process of schooling through which some Krahô began learning to write in Portuguese (LADEIRA, 2001; GIRALDIN, 2015).

The Krahô language, or *mẽhĩ jarkwa* ('language of people'), is one of the varieties of the Eastern Timbira dialectal set, spoken by the Canela-Apãniekra, Krĩkati, Gavião-Pykobjê, Gavião-Parkatêjê, and Canela-Ramkôkamẽkra peoples, and affiliated to the northern branch of the Jê family (Macro-Jê stock). Krahô has little morphological complexity, and grammatical categories, such as tense, mood, aspect, modality, evidentiality, number, and person, are expressed more frequently by syntactic and lexical means than by bound morphology (see lines 18-20, 31, 70-74, 96-99, 102, 103). The most contemporary linguistic literature (RODRIGUES, 2000), however, points to the existence of "relational prefixes", which function to indicate a relation of syntactic dependence between a head and its determiner. There are two contrasting and mutually exclusive Krahô relational prefixes: one that signals the syntactic contiguity of the determiner with respect to its head, thus forming a syntactic unit (see lines 8, 27 and 42); the other indicates the absence or non-contiguity of the determiner in relation to its head (see lines 10, 13 and 19). This type of morphological marking characterizes Krahô as a head-marked language (NICHOLS, 1986).

An important typological feature of Krahô verbal morphology is the contrast between "short" and "long" verbal forms (POPJES & POPJES, 1986). The "long forms" are actually nominal (non-finite) forms of the verb, derived by the use of the suffix nominalizer *-r* and its allomorphs *-m*, *-n*, *-t*, *-k* or *-Ø* (MIRANDA, 2010, 2014). The peculiarity of the Krahô language is that, in addition to the typical clauses in which nominalization is required (such as in dependents clauses), nominalizations are also used as heads of independent clauses when the verb indicates perfective aspect (see lines 81 e 106). In situations in which the finite verbal head is modified by certain adverbial elements, the

nominal form is also required. The effects of nominalization on the syntax of the Krahô language is directly reflected in the case-marking system, in which nuclear arguments with S, A and O syntactic functions (DIXON, 1979, 1994)¹¹ are expressed by the same personal pronouns but differ in the syntactic marking. In this way, S and O are treated identically (see lines 15, 26, 72, 81 and 83), in opposition to the argument in function A, which is marked by the ergative postposition *te* and which developed historically from the homonymous genitive postposition (see lines 15, 22 and 29). Krahô case-marking is characterized as a split system, determined by the verbal or nominal nature of the head of the sentence.

The Krahô pronominal system contrasts two pronominal series; one nominative and the other absolutive, which differ according to the syntactic function the pronoun fulfills. The nominative series consists of independent pronominal forms that function syntactically as subjects of transitive and intransitive verbal predicates (as in lines 14, 16 and 36). The absolutive series, on the other hand, consists of dependent pronominal forms (clitics) combined with nominal, postpositional, and verbal constituents (see lines 4, 6 and 15). Syntactically, the pronominal forms of this series encode the possessor of a noun, the complement of a postposition, the intransitive subject, as well as the direct object and the subject of transitive and intransitive verbs of sentences whose head occurs in nominal form.

As for the lexicon, a grammatical property of Krahô and other Jê languages is the existence of suppletive verbal forms, which can express opposition of a single action *vs.* multiple instances of the same action (D'ANGELIS, 2004). Another factor that determines the use of suppletive verbs is the category of number (singular *vs.* plural) of the internal argument of the verb, that is, the subject of an intransitive verb and the direct object of a transitive verb (see lines 18 to 21).

Regarding syntax, the Krahô language has SOV constituent order in both independent and dependent clauses. In nominal, postpositional and verbal phrases, the determiner precedes the head; however, in noun phrases, modifiers follow the head. In verb phrases, only some adverbial elements (of mood and intensity), as well as elements that mark negation occur in post-verbal position (as observed in lines 8, 22, 29 and 46), while the others occur pre-verbally (lines 20, 30 and 54).

11 In the typological literature, it is common to find the following abbreviations used to refer to nuclear syntactic arguments: S = Subject of intransitive verb; A = Subject of transitive verb; and O/P = Direct object / Patient-like argument of a transitive verb.

In the present work, the narrative is presented using the Krahô orthography¹² established in 1986 by the *Summer of International Linguistics* (SIL) linguist missionaries Jack and Josephina Popjes, which is also the orthography used in school materials written in the Krahô language.

2. About the narrative

The *hocjêr xà* can be compared, as a verbal genre, to some analogous discursive modalities that are found among other Amerindian peoples of central Brazil. Among the Kĩsêdjê, for example, the genres *kapêrê kahrĩre* ‘sad speech’ and *maj mbaj hwaj ne kapêrê* ‘speech that everyone hears’ seem to have similar functions and contexts of execution (SEEGGER, 2015). Similarly, the *engingita* of the Kuikuro, which, although no longer widely practiced, is described by Franchetto (1986: 377) as an oratory form that chiefs used as a practice either to put the village to sleep or to wake it up and through which they “encouraged traditions, warned against laziness and selfishness – ‘taught’”. From a rhythmic and melodic point of view, the *hocjêr xà* is distinguished from everyday speech pattern by its special prosodic form. One of the characteristics of this formal genre is the lengthening of the vowel in the final syllable in certain phrases, which gives it the tone of a ‘call’ and attracts the attention of listeners who are far from the enunciator.¹³ There is a considerable margin of speaker autonomy in choosing the content and selecting the type of information to be transmitted, which does not mean, however, that there are no rhetorical features constituting the poetics of this genre and that should be used by a “good caller”. Thus, within the gradient of styles of Krahô verbal expression, this genre lies halfway between a speech (*harkwa, harên*) and a song (*increr*), and can be understood as a kind of “singing speech” (FRANCHETTO, 2000) style that also applies to other Krahô verbal genres.

The *hocjêr xà* is employed by the Krahô in different situations. In everyday life, it can be used to convey information about an event that has just occurred or that will occur soon and is of concern to everyone. It is also employed to communicate messages and news about the progress of village activities in general (hunting excursions, work in the gardens, trips to the city, details about the organization of a ritual, etc.). After the men’s daily meetings in the central plaza (*cà*), which happen

12 The grapheme/phoneme correspondences in the Krahô orthography are as follows: <p> : /p/, <t> : /t/, <g> : /ŋ/, <qu>, <c> : /k/, <k> : /k^h/, <x> : /ts/, <m> : /m/, <n> : /n/, <r> : /r/, <j> : /j/ e <w> : /w/. The grapheme <h> syllable-initially corresponds to the voiceless glottal fricative /h/; syllable-finally it corresponds to a glottal stop /ʔ/. The vowel graphemes are: <a> : /a/, <à> : /æ/, <ý> : /ɔ/, <ã> : /ã/, <e> : /ɛ/, <ê> : /e/, <ẽ> : /ẽ/, <i> : /i/, <î> : /ĩ/, <y> : /i/, <ÿ> : /ĩ/, <o> : /ɔ/, <ô> : /o/, <õ> : /õ/, <u> : /u/ e <ũ>.

13 For this reason, in the transcription I have opted to preserve the effect of this rhetorical resource, repeating the final vowel in phrases in which this lengthening occurs.

twice a day, in the morning and in the evening, this form of verbal expression is often heard echoing through the village to communicate to all the decisions that have been made that day. Although more commonly used by men, it can also be used by women, often older women, to convoke meetings and communicate decisions on matters that concern them only. The *hocjêr xà* is also practiced in ritual contexts to call male and female singers as well as other men and women of the community to come to the plaza. Through the call, they are all invited to participate without ‘embarrassment’ or ‘shame’ (*pahàm*) in the singing and ritual performances in the central plaza, engaging in the production of ‘joy’ (*amjĩkĩn xà*), an emotion that is at the core of ritual action among the Krahô. Moreover, this discursive mode is also often used by elders and more authoritative figures to exhort and give ‘advice’ (*hahkre xà*) to the rest of the village for behavior they deem inappropriate.

This is precisely the case in the piece I present here. It was recorded during the performance of a *Pàrcahàc*, a Krahô ritual that marks the closure of the mourning period for the relatives of a deceased person, and which must occur within a maximum period of one year after the death. On the last night of the ritual, which will finish the following morning with a log race, singing takes place throughout the dawn in the village plaza, when people seek to “cheer the dead” one last time and thereby dispel the sadness that continues to unite the dead with the living in a reciprocal feeling of ‘nostalgia’ (*japac xà*). In this mode of singing (*increr*), everyone sits facing the sunset (*harã rĩmpê*), and the main male and female singers conduct the songs, being followed by the others. As the singing is expected to last for many hours, it is the responsibility of the relatives of the dead to feed the singers and keep them warm and lively; therefore, during certain moments, the singing is interrupted and coffee bottles and large platters of rice, beans, meat, cassava bread, and biscuits are sent to the plaza.

It turns out that the plaza was empty on the night of the *Pàrcahàc* performance, and few people helped Pacajhê, the lead singer, continue the singing. At some point, Cõc ceased to sing, and standing up, he began to perform a *hocjêr xà*, cutting across the continuing voice of the singers. Cõc begins his ‘call’ by praising and stimulating Pajcahhê’s joy and by asking him rhetorically the reason for the absence of the young people in the ceremonial plaza (lines 1-8). He then states that no one is learning the songs, attests that in other villages there is nothing left, no rituals and no singers, and that he and Pajcahhê are seeing the direction things are going (lines 8-18). It is possible, therefore, to identify the core of Cõc’s discursive strategy right away in the initial lines. It consists of contrasting and opposing two types of behavior that have very clear social and spatial expression and which he values differently: those who are singing in the plaza and those who remain silent in their homes and who, according to Cõc, will only come out to the plaza once they are already drunk (lines 18-22). One

of the linguistic resources Cõc uses to create this cleavage consists of the recurrent use of the second person (*pa-*, *cu*) exclusive dual/plural, which creates two recipients for his message, rather than a collective and homogenous one. Additionally, the vocal performance itself expresses this duality, since even when Cõc's discourse is explicitly addressed to Pajcahhê, who is by his side, the volume and pitch of Cõc's voice are high, in order to reach the people who are not present. Thus, the people who are gathered in the central plaza are a rhetorical or intermediary addressee, and the absent people constitute the intended and final audience of his speech. Paradoxically, Cõc says to such recipients 'stay like this' and 'go away then' (lines 23-26), antinomic expressions, considering they are precisely resources to criticize negligent behavior towards ritual life in the plaza.

The plaza is not, however, just a physical space. Because it is the paradigmatic *locus* of transmission of ritual knowledge, the plaza is also the expression of a deeper temporality, through which social memory is produced. Cõc's critique of the absent ones is thus a broad reflection on the Krahô way of life, on transformations underway, and on the importance of creating continuity with traditional knowledge and teachings. These three plans are articulated by means of a fundamental formulation, *mẽ apãmjê mẽ aquêtjê jakâmpê*, 'in the place of your forefathers' (lines 27 and 28), which constitutes a central trope of the poetics of this and other genres of Krahô verbal art, and whose translation is worth examining briefly here.

As we said, both *pãmjê*¹⁴ and *quêtjê* can be translated as 'the forefathers' or, as the Krahô say, 'the ancients'. Despite this common meaning, these words are composed of different morphemes. *Pãm* is one of the kinship terms for 'father', while the lexeme *quêt* allows a variety of possible referents. In current language, *quêt* is usually accompanied by the intensifier *-ti*, constituting the kinship term *quêtiti*, which can refer to both the 'maternal uncle' (MB) and the paternal and maternal 'grandfather' (MF, FF)¹⁵. *Quêtiti* is also the term by which the masculine ego refers to and calls the person from whom he receives his personal name (s), that is, his 'name-giver', who must be someone occupying one of these genealogical positions. In this sense, therefore, *quêtiti* has a close relationship with the plaza and with ceremonial life, since it is through the onomastic that a Krahô individual is associated to one of the ceremonial moieties *Catâmê* and *Wacmêjê*, which organize a good part of their rituals.

14 There are cognates of these terms in the Kisedjê language, see Nonato, R. & Suyá, K., Suyá, J., Suyá, K. (2017).

15 *Quêt* can also occur with the attenuator *-re* to designate younger maternal uncles. Nowadays this terminology is no longer used to designate 'grandfather' (MF, FF), the term *wej*, a corruption of Portuguese 'velho', 'old man' being more common.

To this variety of referents, we should note that the morpheme *jê*, besides being a pluralizer, when attached to certain terms of kinship is an indicator that a person is already deceased.¹⁶ Thus, in view of the polysemy of these terms, and considering they occur some thirty times throughout Cõc's speech, I have sought to vary the possible translations for the term, alternating 'forefathers' with 'deceased fathers', 'deceased uncles', 'deceased grandfathers' or 'deceased name-givers', as can be noted below.

Thus, by means of this formulation, the orator Cõc praises the way of life of the forefathers, exalting the force, the will, and the energy with which they used to sing (lines 31-40), run with logs, and conclude their celebrations (lines 47-49), contrasting it with contemporary life, where discouragement and silence reign more and more. Cõc attributes this situation to two main factors: the increasing use of the Portuguese language by younger generations (lines 54-56) and the constant consumption of sugar cane liquor (lines 75-80), which causes the 'good/ beautiful /correct thinking' (lines 57-62) of the forefathers to be abandoned, forgotten and, taken to the limit, will cause it to cease to exist (lines 50-53 and 81-82). Faced with this "decadent" portrait and in an attempt to remedy it, Cõc then emphasizes the position of mediation that he, like the other singers, occupies. At a central moment in his discourse (line 63), he replaces the 'deceased fathers' and 'deceased name-givers' and, through subtle pronominal and lexical manipulation, places himself as an elder, father, and name-giver for those to whom he addresses his words: 'I am your father, your old head'.¹⁷ Thus, after successive praises to the virtuous way of life of the forefathers, the sudden switch to a first person pronominal allows Cõc to identify himself with them, and as an effect, to be heard and understood, if not as a forefather himself, at least as a sort of a direct "spokesperson" on their behalf. As Cõc says in the following lines (64-66): 'The trace of your deceased grandfathers/ the trace of your fathers/ their word I have always heard and here in my head it is'. He then exhorts those who are absent to, as he once did, listen to the ancestral word that is now being communicated: 'Then listen to me' (line 75); 'So listen to me' (line 83), 'You all listen to me' (lines 87 and 88).

Cõc then moves to the end of his speech as the living manifestation of the forefathers' thoughts and being *in their place*. Within this meta-discursive framework, the recurrent use of stative verbs from line (70) onwards acquires aspectual and temporal value, referring to the *continuity* of the process of transmission and learning of songs and ritual knowledge carried out by those who *are*

16 As, for example, in the terms *i-kra-jê* (1-son-deceased), *i-prô-jê* (1-wife-deceased), among others. Additionally, this morpheme can also be used as a vocative to refer to affines (father-in-law, brother-in-law, son-in-law, etc.).

17 *Krãhtum*, literally 'old head', is a term used both for ego's 'name-giver', and for elders in general, in which case it partially covers the meaning of the term *quêtî*.

seated in the plaza, which, at this point in the discourse, is already referred to by Cõc as ‘the clearing of your forefathers’ (line 103).

3. MÊ AQUÊTJÊ JAKÂMPÊ

‘*No lugar dos teus antepassados* – um chamado ao pátio Krahô’

‘*In the place of your forefathers* – a call to the Krahô central plaza’

(1) *Hà Catàm to cumã hanẽẽẽẽẽ*

hà Catàm to cu-mã hanẽ
HORT filho INS R-DAT ASS

‘Vai filho¹⁸, faça¹⁹ assim mesmo para eles’

‘Go ahead son, do it this way to them’

(2) *Amjĩ mã ihkĩnẽẽẽẽẽ*

amjĩ mã ih-kĩn
REFL DAT R-gostar

‘Alegre-se’

‘Cheer up’

(3) *Amjĩ mã ihkĩnre mẽr ampo nããããã*

amjĩ mã ih-kĩn-re mẽr ampo nã
REFL DAT R-gostar-ATEN então INT REL

‘Alegre-se, mas então por que’

‘Cheer up, but then why’

18 *Catàm* é o termo pelo qual ego masculino se refere aos filhos de todas as mulheres a quem chama de *iprõ*, ‘esposa’(W). No caso, Cõc se refere ao cantor Pajcahhê, seu filho classificatório, que conduz os cantos.

Catàm is the term by which male ego refers to the children of all women he calls *iprõ*, ‘wife’ (W). In this case Cõc refers to the singer Pajcahhê, his classificatory son, who leads the singing.

19 Faça assim mesmo, isto é, cante.

Do it this way, that is, sing.

- (4) *mẽ pahkra mẽ patâmxwỳ te kãm pa cacaati nã mããããã*
mẽ pah-kra mẽ pa-tâmxwỳ te kãm pa caca-a-ti nã mã
PL 1INCL-filho PL 1INCL-neto ERG LOC 1DU deixar-INTS REL DAT
'nossos filhos e netos²⁰ nos deixam aqui?'²¹
'have our children and grandchildren leave us here?'
- (5) *Amjĩ mã ihkĩn nẽ mễr ampo nããããã*
amjĩ mã ih-kĩn nẽ mễr ampo nã
REFL DAT R-gostar ASSC ENTÃO INT REL
'Alegre-se, mas então por que'
'Cheer up, but then why'
- (6) *mẽ akra mẽ atâmxwỳ te amjĩ ton*
mẽ a-kra mẽ a-tâmxwỳ te amjĩ to-n
PL 2-filho PL 2-neto ERG REFL fazer-NMLZ
'teus filhos e netos fizeram assim?'
'did your children and grandchildren do like this?'
- (7) *aricriiiii*
aricri
silêncio
'que fiquem assim'
'be still'

20 *Itâmxwỳ* termo pelo qual ego, masculino ou feminino, se refere aos filhos de ambos os sexos de todas as pessoas a quem chama de *ikra*, 'filho' (SS, SD, DD, DS), bem como aos filhos de todos os homens a quem ego feminino chama de *itõ*, 'irmão', e de todas as mulheres a quem ego masculino chama de *itõj*, 'irmã' (fBS, fBD, mZS, mZD). Como na fala de Cõc essa expressão ocorre sempre acompanhada do termo para 'filho', *ikra*, opto por traduzi-lo sempre por 'neto', a fim de sublinhar que Cõc se refere a pessoas de mais de uma geração abaixo da sua, o que não ficaria necessariamente implícito se o traduzisse por 'sobrinho'.

Itâmxwỳ is the term by which ego, either masculine or feminine, refers to the children of the people, regardless their gender, they call *ikra*, 'child' (SS, SD, DD, DS), as well as any child of any man that female ego calls *itõ*, 'brother', and all the women that masculine ego calls *itõj*, 'sister' (fBS, fBD, mZS, mZD). Since this term in Cõc's speech always co-occurs with the term that designates 'son', *ikra*, I have opted to translate it as 'grandson', emphasizing that Cõc refers to two generations below his own, which would not necessarily be clear if the term chosen for the translation was 'nephew'.

21 *Nos deixaram* aqui, no pátio, onde Cõc, Pajcahê e os demais cantores estão.
They left us here, in the plaza, where Cõc, Pajcahê, and the other singers are.

(8) *Quê jũ nõ nã pajakàmpê quêta*

quê jũ nõ nã pa-j-akàmpê quêta
3EMPH INT algum REL 1DU-R-no.lugar.de NEG

‘Quem [de vocês] em nosso lugar’

‘Who [among you] in our place’

(9) *Mê ihkôt hakôp xà ita kôt quêta cute mê jũ mã xà nããããã*

mê ih-kôt hakôp xà ita kôt quêta cu-te mê jũ mã
PL R-COM observar NMLZ DEM COM NEG R-ERG PL INT FOC

xà nã
NMLZ REL

‘Com nossa compreensão, vai ficar?’

‘With our understanding will stay?’

(10) *Tama krĩ itajê kôt mê ta hamrê par*

ta-ma Krĩ ita-jê kôt mê ta h-amrê par
3EMPH-DIR aldeia DEM-PL COM PL 3EMPH R-acabar COMPL

‘Em outras aldeias, já acabaram com tudo’²²

‘In other villages, they have already stopped everything’

(11) *Jũ mã mãã ita to jakrãj nõ*

jũ mã mãã ita to jakrãj nõ
INT FOC EMPH DEM INS brincar NEG

‘Quem está levando isso a sério?’

‘Who is taking this seriously?’

(12) *Ca mê akra mê atàmxwỳjê kôt hakôp nõti itajêêêêê*

ca mê a-kra mê a-tàmxwỳ-jê hakôp nõ-ti ita-jê
2 PL 2-filho PL 2-neto-PL observar ALGUM-INTS DEM-PL

‘Teus filhos e netos não prestam mais atenção em nada’²³

‘Your children and grandchildren no longer pay attention to anything’

22 *Já acabaram com tudo*, isto é, com os cantos, as festas, os movimentos rituais no pátio, etc.

They have already stopped everything, that is, performing the songs, ceremonies, and ritual movements in the plaza, etc.

23 *Não prestam mais atenção em nada*, isto é, aos conselhos, aos ensinamentos e aos cantos dos mais velhos.

They no longer pay attention to anything, that is, to the advices, teachings, and songs of the elders.

(13) *Pom hõmpun nõti itajêêêêê*

pom h-õmpu-n nõ-ti ita-jê
INTJ R-ver-NMLZ algum-INTS DEM-PL

‘Não vêem nada’

‘They see nothing’

(14) *Cu hõmpuuuuuu*

cu h-õmpu
1DU R-ver

‘Nós dois²⁴ estamos vendo’

‘We both are seeing’

(15) *Ate ipar krãti ita mãããããã*

a-te i-pa-r krã-ti ita mã
2-ERG 1-ouvir-NMLZ curto-INTS DEM DAT

‘Vocês me ouvem um pouco?²⁵’

‘Do you hear me a little?’

(16) *Ca amjĩ mã kĩnẽẽẽẽẽ*

ca amjĩ mã kĩn
2 REFL DAT gostar

‘Alegre-se²⁶’

‘Cheer up’

(17) *Ca amjĩ mã kĩnẽẽẽẽẽ*

ca amjĩ mã kĩn
2 REFL DAT gostar

‘Alegre-se’

‘Cheer up’

24 *Nós dois*, ou seja, Cõc e Pajcahhê. *We both*, in other words, Cõc and Pajcahhê

25 Apesar de nesta linha não haver marcas de plural, Cõc não está se referindo a apenas uma pessoa, mas a todos os jovens da aldeia, o que fica claro no processo de tradução ao português, quando meus interlocutores propõem a forma plural *vocês*.

Although there is no plural markers here, Cõc is not referring to just one person, but to all the young people in the village, which becomes clear in the process of translation to Portuguese, when my consultants prefer to adopt the second person plural pronoun ‘*vocês*’.

26 Aqui, Cõc volta a se dirigir ao cantor, Pajcahhê, estimulando e elogiando sua disposição a cantar. A presença do reflexivo *amjĩ* sugere que o cantor gosta de seus próprios cantos e com eles se alegra a si mesmo.

- (18) *Mẽ akra mẽ atâmxwỳ kôt mã ihtỳj apu ihkrĩ*
mẽ a-kra mẽ a-tâmxwỳ kôt mã ih-tỳj apu ih-krĩ
PL 2-filho PL 2-neto COM DAT R-dever DUR R-sentar.PL
'Teus filhos e netos estão ficando apenas sentados'
'Your children and grandchildren are only staying seated'
- (19) *Hurkwa kôt to ihkrĩ apu to ikõ*
h-ũrkwa kôt to ih-krĩ apu to i-kõ
R-casa COM INS R-sentar.PL DUR INS 1-beber
'Em suas casas ficam sentados bebendo'
'In their houses they stay seated and drinking'
- (20) *Quê ha ajpajpã cormã pa wỳr hapôj*
quê ha aj-pajpã cormã pa wỳr h-apôj
3EMPH IRR ANTICAUS-bêbado ainda 1DU DIR R-sair.PL
'Somente quando bêbados, virão até nós'
'Only when drunk, they will come to us'
- (21) *Mẽ apãmjê mã quê hanẽ quê ihtỳj amẽ hikwa*
mẽ a-pãm-jê mã quê hanẽ quê ih-tỳj amẽ h-ikwa
PL 2-pai-PL FOC 3EMPH ASS 3EMPH R-dever COL R-estar.deitado.PL
'Teus antepassados não ficavam deitados assim não'
'Your forefathers did not use to lie around like this'
- (22) *Ate hajỳr kôt akãm imã amjĩa kre kêatre*
a-te hajỳr kôt a-kãm i-mã amjĩa kre kêatre
2-ERG ASS COM 2-LOC 1-DAT REFL saber NEG
'Vocês fazem assim e eu não sei mais de nada'
'You do it like this and I don't understand anything else'
- (23) *Mẽ ikra mẽ itâmxwỳjê ca ha ca ma mẽẽẽẽẽ*
mẽ i-kra mẽ i-tâmxwỳ-jê ca ha ca ma mẽ
PL 1-filho PL 1-neto-PL 2 IRR 2 DIR PL
'Meus filhos e netos, fiquem assim²⁷!'
'My children and grandchildren, so stay like this!'

Here Cõc again addresses the singer, Pajcahê, encouraging and praising his willingness to sing. The use of the reflexive *amjĩa* suggests that the singer likes his own songs and cheers himself up while singing.

27 Outras traduções dessa expressão propostas pelos colaboradores Krahô: 'então se virem', ou ainda 'vão

(24) *Ca ha ca ma mẽẽẽẽẽẽ*

ca ha ca ma mẽ
2 IRR 2 DIR PL

‘Fiquem assim!’

‘Stay like this!’

(25) *Akôt hakôp xà ita kôt*

a-kôt hakôp xà ita kôt
2- COM observar NMLZ DEM COM

‘Estou observando como vocês estão’

‘I am observing how you are’

(26) *Apupun xà ita kôt ca ha jũ mã mẽ*

a-pupu-n xà ita kôt ca ha jũ mã mẽ
2-ver-NMLZ NMLZ DEM COM 2 IRR INT DAT PL

‘Estou vendo vocês, então vão caçar um rumo’

‘I am seeing you all, go find a way then’

(27) *Ate mẽ apãmjê mẽ aquêtjê jakâmpêêêêêê*

a-te mẽ a-pãm-jê mẽ a-quêt-jê j-akâmpê
2-ERG PL 2-pai-PL PL 2-avô-PL R-no.lugar.de

‘No lugar dos teus falecidos pais e avós’

‘In the place of your deceased fathers and grandfathers’

(28) *Ate mẽ apãmjê mẽ aquêtjê jakâmpêêêêêê*

a-te mẽ a-pãm-jê mẽ a-quêt-jê j-akâmpê
2-ERG PL 2-pai-PL PL 2-nominador-PL R-no.lugar.de

‘No lugar dos teus falecidos pais e nominadores’

‘In the place of your deceased fathers and name-givers’

(29) *ite anõ pupun nare*

i-te a-nõ pupun nare
1-ERG 2-algum ver-NMLZ NEG

‘Eu não vejo nenhum de vocês’

‘I don’t see any of you’

caçar um rumo’, opção que aproveitou na linha (26). Tratam-se, aqui, de expressões antinômicas, que expressam o contrário do que pensa o orador.

Other possible translations of this expression suggested by the Krahô collaborators were ‘figure it out’ or ‘go find a way then’, which we used in the translation in line (26). These are antinomic expressions indicating the opposite of what the orator actually thinks.

(30) *Ca ra tahnã mẽ*

ca ra tah-nã mẽ
2 já 3EMPH-REL PL

‘Vocês ficam desse jeito’²⁸

‘You only stay like this now’

(31) *Xâmpê ajco mẽ apãmjê mẽ aquêtjê ajco mẽ hajÿr nareeeee*

xâmpê ajco mẽ a-pãm-jê mẽ a-quêt-jê ajco mẽ hajÿr nare
DIST.PST IPFV PL 2-pai-falecido PL 2-avô-falecido IPFV PL ASS NEG

‘Antigamente teus falecidos pais e avós não faziam assim’

‘In the old days, your deceased fathers and grandfathers did not use to do like this’

(32) *Ajco mẽ hajÿr nareeeee*

ajco mẽ hajÿr nare
IPFV PL ASS NEG

‘Não faziam assim’

‘They did not use to do like this’

(33) *Quê ha ihtyj mẽ ajpẽn ã cacàcàc*

quê ha iht-tyj mẽ ajpẽn ã cacàcàc
3EMPH IRR R-forte PL RECP REL euforia

‘Eles eram fortes e se animavam muito’²⁹

‘They were strong and used to cheer up a lot’

(34) *Ihtyj amẽ cre hajÿr*

ih-tyj amẽ cre hajÿr
R-forte COL cantar ASS

‘Eles cantavam forte mesmo’

‘They used to sing very loudly’

(35) *prãmti jakâmpêêêêê*

prãm-ti j-akâmpê
vontade-INTS R-no.lugar.de

‘com muita vontade no lugar deles’

‘with much enthusiasm in their place’

28 *Desse jeito*, isto é, parados, em casa, sem cantar e movimentar. *Like this*, that is, stopped, at home, not singing or moving.

29 *Cacàcàc*: barulho de muita gente reunida, conversando, gritando, rindo, cantando junto no pátio.

Cacàcàc: the sound of many people gathered, talking, shouting, laughing, singing together on the plaza.

(36) *Wa kãm apu akôt hakôp mẽ ikra mẽ itàmxyjê mẽ mã ca mã nããããã*

wa kãm apu a-kôt hakôp mẽ i-kra mẽ i-tàmxy-jê mẽ mã
1 LOC DUR 2-COM observar PL 1-filho PL 1-neto-PL PL DS

ca mã nã
2 DAT REL

‘Eu estou observando vocês, meus filhos e netos, então fiquem assim!’

‘I am watching you, my children and grandchildren, so stay like this!’

(37) *Wa kãm akôt hakôpooooo*

wa kãm a-kôt hakôp
1 LOC 2-COM observar

‘Eu estou observando vocês’

‘I am watching you’

(38) *Jũri mã ate hajỹr xà ita kôtôôôôô*

jũ-ri mã a-te hajỹr xà ita kôt
INT-LOC FOC 2-ERG ASS NMLZ DEM COM

‘Onde é que vocês estão?’

‘Where are you?’

(39) *Jũri ate mẽ apãmjê mẽ aquêtjê jujakep ita to hohcukreneeeee*

jũ-ri a-te mẽ a-pãm-jê mẽ a-quêt-jê j-u=j-akep ita to
INT-LOC 2-ERG PL 2-pai-PL PL 2-tio-PL R-ANTIP=R-cortar DEM INS

h-ohcukre-n
R-correr.PL-NMLZ

‘Onde estão vocês pra correr [com a tora] que teus falecidos pais e tios cortaram?’

‘Where are you to run [with the log] that your deceased fathers and uncles have cutdown?’

(40) *Quê ha mã mãã aricri*

quê ha mã mãã aricri
3EMPH IRR FOC EMPH silêncio

‘Ela vai ficar parada mesmo’

‘It is going to stand still indeed’

(41) *Ajtea mẽ apãmjê jakâmpê*

ajtea mẽ a-pãm-jê j-akâmpê
diferente PL 2-pai-PL R-no.lugar.de

‘Diferente [era] no lugar dos teus antepassados’

‘Different [it was] in the place of your forefathers’

(42) *Mẽ apãmjê jitô kre*

mẽ a-pãm-jê j-itô kre
PL 2-pai-PL R-peito buraco

‘Sobre o peito dos teus antepassados’

‘About the chest of your forefathers’

(43) *Mẽ apãmjê pry caxuwa anõ atu ca amjĩ mã ajũjarẽ nareeeee*

mẽ a-pãm-jê pry caxuwa a-nõ a-tu ca amjĩ mã
PL 2-pai-PL caminho FINLD 2-algum 2-novo 2 REFL DAT

a-j-ũ=j-arẽ-n nare
2-R-ANTIP=R-dizer-NMLZ NEG

‘Sobre o caminho dos teus antepassados, alguns de vocês não dizem nada’

‘About the path of your forefathers, some of you say nothing’

(44) *Wa ipa jamãn apu amẽ quêtjê pupu*

wa i-pa jamãn apu amẽ quêt-jê pupu
1 1-ficar sempre DUR COL avô-PL ver

‘Eu sempre via nossos avós’

‘I used to see our deceased grandfathers’

(45) *Mẽ ikwỳ pupu*

mẽ i-kwỳ pupu
PL 1-parte ver

‘meu povo³⁰ eu via’

‘my own people I used to see’

30 *Mẽ ikwỳ*, literalmente, ‘aqueles da minha parte’. Trata-se de uma forma de autodenominação que, como é comum entre os povos ameríndios, diferencia e opõe um coletivo de referência a um coletivo que assume, contextualmente, o valor de alteridade, denominado, em língua krahô, *mẽ cakrit*. Assim, *mẽ ikwỳ* pode designar tanto ‘os de minha metade cerimonial’ (em oposição aos membros de outra metade cerimonial), quanto aqueles com quem reconheço laços de parentesco, ‘meus parentes’ (em oposição àqueles com quem não reconheço tais laços) ou, ainda, os moradores de uma aldeia (em oposição aos moradores de uma outra aldeia). A escala mais ampla de oposição se dá entre diferentes povos Timbira, para além da qual a alteridade já não é mais qualificada pela denominação *mẽ cakrit*, mas pela categoria de *cupẽ*, ‘estrangeiro’, ‘inimigo’. Na passagem em questão, Cõc está fazendo referência à sua origem Apinajé, razão pela qual opto por traduzir a expressão por ‘meu povo’. Para um comentário sobre as implicações etnopolíticas dessas oposições entre os Timbira, cf. Azanha (1984).

Mẽ ikwỳ, literally, ‘those of my part’. This is a kind of self-denomination that, as is common among Amerindian peoples, differentiates and opposes a referential collective to another one that assumes, contextually, the value of alterity, denominated as *mẽ cakrit* in Krahô. As such, *mẽ ikwỳ* can designate both ‘those of my ceremonial half/side’ (as opposed to those of the other ceremonial half/side), as well as those with whom I recognize as

(46) *Wa hõmpun peaj to hanẽ*

wa h-õmpu-n peaj to hanẽ
1 R-VER-NMLZ INTS INS ASS

‘Eu aprendi muito bem mesmo’ [com eles]

‘I learned very well’ [with them]

(47) *Mẽ acumam*

mẽ a-cumam
PL 2-primeiro

‘Antes de vocês’

‘Before you all’

(48) *Mẽ aquêtjê cumam*

mẽ a-quêt-jê cumam
PL 2-nominador-PL primeiro

‘Teus avós de antigamente’

‘Your grandfathers from before’

(49) *Pê mẽ quêtjê mẽ ajco ajpẽn pê mẽ pry cutor to mõi ita jakâmpê mẽ hõ amjĩ kĩn to hamre to mõi ita kõt caxuw mã rimã pê wa ajco mẽ hõmpu*

pê mẽ quêt-jê mẽ ajco ajpẽn pê mẽ pry cutor to mõi ita
PST PL nominador-PL PL IPFV RECP PST PL caminho ir. PL INS ir DEM

j-akâmpê mẽ h-õ amjĩ-kĩn h-amre to mõi ita kõt caxuw
R-no.lugar.de PL R-POSS REFL-gostar R-acabar INS ir DEM COM FINLD

mã rimã pê wa ajco mẽ h-õmpu
DS ? PST 1 IPFV PL R-VER

‘Os antepassados partiam juntos pelo caminho³¹ para terminar suas festas e eu os via’

‘The forefathers used to leave together by the path to finish their rituals and I used to see them’

having kinship relations, ‘my relatives’ (as opposed to those with whom I do not have this kind of relationship) or can even designate the members of a village (as opposed to people from another village). A broader scale of opposition occurs between different Timbira peoples, beyond whom the alterity is no longer subsumed under the term *mẽ cakrit*, but rather under the category *cupẽ*, ‘stranger’, ‘foreigner’, or ‘enemy’. In the passage in focus here, Cõc refers to his Apinajé origin, the reason why I have opted to translate the expression as ‘my people’. For a commentary on the ethnopolitical implications of these oppositions among the Timbira, see Azanha (1984).

31 *Partiam juntos pelo caminho* para ir buscar as toras e concluir as festas, o que, como Cõc diz na linha (41), os jovens de hoje em dia fazem cada vez menos.

They used to leave together by the path to get the logs and end the ceremonies, which, as Cõc says in line (41), young people do less and less nowadays.

(50) *Ramã tahnã*

ramã tah-nã
já 3EMPH-REL
‘Agora é assim’
‘Now it is like this’

(51) *Mẽ aquêtjê jakâmpê*

mẽ a-quêt-jê j-akâmpê
PL 2-avó-PL R-no.lugar.de
‘No lugar de teus falecidos avós’
‘In the place of your deceased grandfathers’

(52) *Mẽ apãmjê jakâmpê*

mẽ a-pãm-jê j-akâmpê
PL 2-pai-PL R-no.lugar.de
‘No lugar de teus falecidos pais’
‘In the place of your deceased fathers’

(53) *Quê ha ihtỳj mẽ ihhêmpej xà ita quê ha hamrẽ*

quê ha ih-tỳj mẽ ih-hêmpej xà ita quê ha h-amrẽ
3EMPH IRR R-dever PL R-conhecer NMLZ DEM 3EMPH IRR R-Acabar
‘O conhecimento³² deles com certeza vai deixar de existir’
‘Their knowledge will surely cease to exist’

(54) *Ramã kãm mẽ ajpẽn mã “Bom dia” to hajỹr to pra*

ramã kãm mẽ ajpẽn mã “Bom dia” to hajỹr to pra
já LOC PL RECP DAT bom.dia INS ASS INS ir.PL
‘Agora vocês se dizem apenas “Bom dia” e se vão³³’
‘Now you just say “Good morning” and you go away’

32 *Hêmpej xà*: trata-se de uma noção complexa que admite muitas traduções, a depender do contexto em que é empregada. ‘Pensamento’, ‘conhecimento’, ‘ensinamento’, ‘plano’ são algumas delas. Além disso, este é um dos termos pelos quais os Krahô traduzem a noção não-indígena de ‘cultura’.

Hêmpej xà: this is a complex notion with many possible translations, depending on the context in which it is used. ‘Thought’, ‘knowledge’, ‘teaching’, ‘plan’ are among them. Additionally, this is one of the terms the Krahô use to translate the non-indigenous notion of ‘culture’.

33 *E se vão* do pátio. Referência às reuniões matinais e noturnas dos homens no pátio, cada vez menos frequentadas pelos jovens. Cõc critica também o uso do português pelas gerações mais jovens dentro da aldeia, o que segundo ele é cada vez mais frequente.

Go away from the central plaza. Reference to the morning and evening meetings of men in the central plaza,

(55) *Ra harkwa to ajpẽn mã acakôc*

ra h-arkwa to ajpẽn mã a-cakôc
já R-língua INS RECP DAT 2-fala

‘Somente na língua deles³⁴ vocês falam entre si’

‘Only in their words you speak to each other’

(56) *Ra harkwa to amjĩ kâmpa*

ra h-arkwa to amjĩ kâmpa
já R-língua INS REFL ouvir

‘Somente na língua deles vocês pensam³⁵’

‘Only in their language you think’

(57) *Pêa quê ha mẽ apãmjê hêmpej xà pej ti*

pêa quê ha mẽ a-pãm-jê h-êmpej xà pej ti
Então 3EMPH IRR PL 2-pai-PL R-conhecer NMLZ bom INTS

‘Então o belo³⁶ pensamento de teus falecidos pais’

‘So the beautiful thought of your deceased fathers’

(58) *Ita quêtjê mẽ ihhêmpej xà pej ti*

ita quêt-jê mẽ ih-hêmpej xà pej ti
DEM avô-PL PL R-conhecer NMLZ belo INTS

‘O belo pensamento dos avós’

‘The beautiful thought of the deceased grandfathers’

less and less frequented by young men. Cõc also criticizes the use of the Portuguese language by the younger generations in the village, which he claims to be growing more frequent.

34 *Deles*, aqui, se refere aos não-indígenas e à língua portuguesa. *Their*, referring to non-indigenous people and to the Portuguese language.

35 *Amjĩ kâmpa*, literalmente, algo como ‘ouvir a si mesmo’. *Amjĩ kâmpa*, literally, something like ‘to listen to yourself’.

36 *Pej* é um morfema gramatical que classifica nomes por meio da oposição ao morfema gramatical *cahàc*, com o qual constitui uma dualidade importante do pensamento krahô e timbira e que está presente também em outras línguas da família Jê. Sua tradução abarca um amplo campo semântico que reúne os sentidos de ‘bem’, ‘belo’ e ‘verdadeiro’, ao passo que *cahàc* designa aquilo que é ‘ruim’, ‘feio’ e ‘falso’ ou ‘comum’.

Pej is a grammatical morpheme that classifies nouns in opposition to the morpheme *cahàc*, with which it constitutes an important duality in Krahô and Timbira thought and which is also present in other Jê languages. The translations of *pej* cover a broad semantic field that includes meanings such as ‘good’, ‘beautiful’, and ‘true’, while *cahàc* designates ‘bad’, ‘ugly’, ‘false’ or ‘common’.

(59) *Ita quê ha tahnã pâr jarê*

ita quê ha tah-nã pâr jarê
DEM 3EMPH IRR 3EMPH-REL tora raiz

‘Será abandonado’³⁷

‘Will be abandoned’

(60) *Ju mã wa ita to wa amã nare*

ju mã wa ita to wa a-mã nare
INT DAT 1 DEM INS 1 2-DAT NEG

‘Eu não vou falar mais nada pra vocês’

‘I am not going to say anything else to you’

(61) *Ita wa ra hõmpun to mõ*

ita wa ra h-õmpu-n to mõ
DEM 1 já R-ver-NMLZ INS ir

‘Isso é o que eu estou vendo’

‘This is what I am seeing’

(62) *Ite mẽ inxũjê mẽ quêtjê pupun xà nã ca ra ma tahnã mẽ*

i-te mẽ inx-ũ-jê mẽ quêt-jê pupu-n xà nã ca ra
1-ERG PL R-pai-PL PL nominador-PL ver-NMLZ NMLZ REL 2 já

ma tah-nã mẽ
DIR 3EMPH-REL PL

‘Vocês estão deixando o conhecimento dos nossos falecidos pais e nominadores assim’³⁸

‘You are leaving the knowledge of our deceased fathers and name-givers like this’

(63) *Nẽ jamã ipê apãm ipê akrãhtũm*

nẽ jamã i-pê a-pãm i-pê a-krã-tũm
ASSC sempre 1-COP 2-pai 1-COP 2-cabeça-velha

‘Eu sou teu pai, teu cabeça-velha’

‘I am your father, your old head’

37 *Pâr jarê* (tronco raiz): ‘raiz de qualquer árvore’. A imagem é de algo que foi abandonado e, com o tempo, foi coberto por raízes de árvores. Trata-se de uma metáfora para sujeira, coisas velhas, esquecidas.

Pâr jarê (tree root): ‘root of any tree’. The image gives the idea of something that has been abandoned and, with time, has been covered over by the roots of trees. It is a metaphor for decay, for old forgotten things.

38 *Deixando o conhecimento* abandonado, largado, esquecido. *Leaving the knowledge* abandoned, left behind, forgotten.

(64) *Jamãn nã cumam itar mẽ aquêtjê mōrtũm*

jamãn nã cumam itar mẽ a-quêt-jê mō-r-tũm
sempre REL antigamente DEM PL 2-avó-PL ir-NMLZ-velho

‘O rastro de teus falecidos avós’

‘The trace of your deceased grandfathers’

(65) *Mẽ atuhkà mōrtũm*

mẽ atuhkà mō-r-tũm
PL pai ir-NMLZ-velho

‘O rastro de teus pais³⁹’

‘the trace of your fathers’

(66) *te harkwa itajê nã kâmpa nãmhã ikrã kãm imã*

te h-arkwa ita-jê nã kâmpa nãmhã i-krã kãm i-mã
GEN R-fala DEM-PL REL ouvir aqui 1-cabeça LOC 1-DAT

‘a palavra deles eu sempre ouvi e aqui na minha cabeça está’

‘their word I have always heard and here in my head it is’

(67) *Pê ajco mẽ to ihcupan nare*

pê ajco mẽ to ih-cupa-n nare
PST IPFV PL INS R-errar-NMLZ NEG

‘Eles não se enganavam’

‘They made no mistakes’

39 *Atuhkà*: trata-se um termo triádico de parentesco, que não relaciona apenas duas pessoas, mas três (locutor, interlocutor e referente), maximizando assim a inclusividade. Lea (2004, 2012) sublinha o valor e a singularidade desse fenômeno antropológico e linguístico, registrado (até o momento) somente em algumas línguas da família Jê e em línguas de grupos aborígenes australianos. Segundo a autora, entre os Mẽbêngôkre são termos de viés erudito, empregados sobretudo pelos mais velhos e em discursos públicos (*mẽ akre*), como é também o caso aqui. Ela apresenta um termo cognato a *atuhkà*, definindo-o como um termo por meio do qual ego masculino ou feminino designa o marido da filha (DH) quando está falando com os filhos desta (DD, DS). No presente exemplo, uma tradução (analítica) possível seria “teus pais que são meus genros”, mas como esse termo pode designar ainda outros conjuntos de três relações (o que, por sua vez, implicaria em outros termos de parentesco em português...), opto aqui por uma tradução sintética.

Atuhkà: a triadic kinship term that does not connect just two people, but three (the speaker, the interlocutor, and the referent), maximizing inclusivity. Lea (2004, 2012) highlights the singularity of this anthropological and linguistic value, found (as far as we know) only in languages of the Jê family and in some Australian aboriginal languages. Lea states that among the Mẽbêngôkre these are erudite terms, used for the most part by elders in public speeches (*mẽ akre*), as it is the case here as well. She presents the cognate term *atuhkà*, defining it as one through which masculine or feminine ego refers to a daughter’s husband (DH) when speaking to her children (DD, DS). In this example, another possible (analytic) translation would be ‘your parents who are my (children)-in-law’, but as this term may also designate additional sets of three-way relations (which, in turn, would imply in other kinship terms in English), I opt for a more synthetic translation here.

(68) *Hakâmpê nãmhã ca ra mẽ amjĩ kôt hakôp*

h-akâmpê nãmhã cu ra mẽ amjĩ kôt hakôp
R-no.lugar.de aqui 1DU já PL REFL COM observar

‘No lugar deles nós dois estamos observando’

‘In their place, we are both watching’

(69) *Cu ra mẽ amjĩ kôt hakôp*

cu ra mẽ amjĩ pupu
1DU já PL REFL ver

‘Nós dois estamos vendo⁴⁰’

‘We are both seeing’

(70) *Nã mã ate iparti nã mã ma cupa to jỹ*

nã mã a-te i-pa-r-ti nã mã ma cu-pa to jỹ
REL DAT 2-ERG 1-ouvir-NMLZ-INTS REL DAT DIR 1DU-ficar INS sentar

‘Vocês me ouviram bem e nós dois estamos sentados’

‘You heard me well and we are both seated’

(71) *Catâm cupa*

Catâm cu pa
filho 1DU estar

‘Meu filho e eu estamos’

‘My son and I, we are’ [seated]

(72) *Cupa ajpẽn japuhnã pa*

cu-pa ajpẽn j-apuhnã pa
1DU-estar RECP R-seguinte estar

‘Nós dois juntos somos os próximos’

‘Both of us are next’

(73) *Pa to jỹ*

pa to jỹ
estar INS sentar

‘Sentados estamos’

‘Seated we are’

40 Cõc emprega aqui o plural dual, frisando que apenas ele e o cantor estão sentados no pátio cantando os cantos de *Pàrcahàc*, enquanto o restante da aldeia está em casa, dormindo, bebendo, fazendo outras coisas. Cõc uses the dual plural here, highlighting that only the singer and himself are sitting in the ceremonial plaza singing the *Pàrcahàc* songs, while the rest of the village is at home, sleeping, drinking, doing other things.

(74) *Pa to jỹ*

pa to jỹ
estar INS sentar
'Sentados estamos'
'Seated we are'

(75) *Nã ca ikãmpa*

nã ca i-kãm pa
REL 2 1-LOC ouvir
'Então me ouçam'
'Then listen to me'

(76) *Mẽ pahkra mẽ patâmxwỳ pajakâmpê caxuw hamrẽare*

mẽ pah-kra mẽ pa-tâmxwỳ pa-j-akâmpê caxuw h-amrẽare
PL 1INCL-filho PL 1INCL-neto 1DU-R-no.lugar.de FINLD R-acabar
'Nossos filhos e netos, depois de nós acabou'
'Our children and grandchildren, after us it will all be over'

(77) *Jũm amjĩ kãm hapac peaj*

jũm amjĩ kãm hapac peaj
INT REFL LOC orelha bem
'Quem está aprendendo⁴¹ bem?'
'Who is learning well?'

(78) *“Só” cacô caxuw pit amjĩ kãmpa*

“só” cacô caxuw pit amjĩ kãmpa
só líquido FINLD só REFL ouvir
'Só pensam na cachaça⁴²'
'You only think about sugar cane liquor'

41 *Amjĩ kãm hapac*, noção complexa da qual os Krahô oferecem diferentes traduções, a depender do contexto, tais como 'pensar', 'lembrar' e, como traduzo aqui, 'aprender'. Quando nominalizada (*amjĩ kãm hapac xà*), designa o 'pensamento', o 'modo de vida' ou os 'costumes' krahô, sendo também um termo pelo qual se traduz a noção de 'cultura' em língua nativa.

Amjĩ kãm hapac is a complex notion for which the Krahô offer different translations, depending on the context, such as 'think', 'remember', and as I translate here 'learn'. When nominalized (*amjĩ kãm hapac xà*), it designates Krahô 'thought', 'way of life' or 'customs', also being the term used to translate the notion of 'culture' in the language.

42 Na língua krahô, a cachaça é denominada *cacô xyre* ('líquido amargo'), mas Cõc se refere a ela aqui apenas como 'líquido'.

(79) *Cacô ita*

cacô ita
líquido DEM

‘Na cachaça’

‘About sugar cane liquor’

(80) *Ajtea cacô ita to ikõ ajta mẽ apãmjê prý caxuw amjĩ kãm hapac nare kôt*

ajtea cacô ita to i-kõ ajta mẽ a-pãm-jê prý
diferente líquido DEM INS 1-beber diferente PL 2-pai-PL caminho

caxuw amjĩ kãm hapac nare kôt
FINLD REFL LOC orelha NEG COM

‘Bebendo este líquido diferente, vocês se esquecem do caminho de teus antepassados’

‘Drinking this different liquid, you forget the path of your forefathers’

(81) *Ramã pa ipictor*

ra-mã pa i-picto-r
já-DAT 1DU 1-perder-NMLZ

‘Nós já perdemos’

‘We already lost’

(82) *Quê ha ra mẽ apãmjê mẽ aquêtjê hêmpej xà quê ha ramã hamrẽ pa*

quê ha ra mẽ a-pãm-jê mẽ a-quêt-jê h-êmpelj xà quê
3EMPH IRR já PL 2-pai-PL PL 2-nominador-PL R-conhecer NMLZ 3EMPH

ha ramã h-amrẽ pa
IRR já R-acabar COMPL

‘O pensamento de teus falecidos pais e nominadores já vai se acabar por inteiro’

‘The thought of your deceased fathers and name-givers will soon be gone completely’

(83) *Kôt ca ikãmpa*

kôt ca i-kãmpa
COM 2 1-ouvir

‘Por isso me ouçam’

‘So listen to me’

(84) *Cupa amjĩ mã hakry*

cu-pa amjĩ mã h-akry
1DU-estar REFL DAT R-alegre

‘Nós estamos nos alegrando’

‘We are cheering up’

In Krahô, cachaça is called *cacô xyre* (‘bitter liquid’), but Cõc refers to it here as just ‘liquid’.

- (85) *Ma mam jũ nõ ã pajakâmpê qué ahcarĩc ampo te hajỹr*
ma mam jũ nõ ã pa-j-akâmpê qué ahcarĩc ampo
DIR primeiro INDF algum REL 1DU-R-no.lugar.de EMPH silêncio algo
te=hajỹr
ASS
‘Algum dia, aqui no nosso lugar⁴³, vai haver apenas silêncio’
‘Someday, here in our place, there will be only silence’
- (86) *Ampo itajê hamrê partu*
ampo ita-jê h-amrê partu
algo DEM-PL R-acabar COMPL
‘Vai acabar tudo’
‘It is all going to end’
- (87) *Ita ã ca mẽ ikâmpa*
ita ã ca mẽ i-kâmpa
DEM REL 2 PL 1-ouvir
‘Vocês me ouçam’
‘You all listen to me’
- (88) *Ita ã ca mẽ ikâmpa*
ita ã ca mẽ i-kâmpa
DEM REL 2 PL 1-ouvir
‘Vocês me ouçam’
‘You all listen to me’
- (89) *Mẽ ikra mẽ itâmxwýjê*
mẽ i-kra mẽ i-tâmxwý-jê
PL 1-filho PL 1-neto-PL
‘Meus filhos e netos’
‘My children and grandchildren’
- (90) *Mẽ apãmjê jujakep ita japôj*
mẽ a-pãm-jê j-ũ=j-akep ita j-apôj
PL 2-pai-PL R-ANTIP=R-cortar DEM R-sair.PL
‘Teus antepassados que cortaram [tora] se foram’
‘Your forefathers who have cut down [logs] are gone’

43 *No nosso lugar*, isto é, no pátio. *In our place*, that is, in the plaza.

(91) *Pê mã ajpẽn jikjêr rũmpê Catàmti, Wacmêti jamrẽare hajÿr*

pê mã ajpẽn j-ikjêr rũm=pê Catàmti Wacmêti j-amrẽare hajÿr
PST DAT RECP R-oposto lado=LOC Catàmti Wacmêti R-acabar ASS

‘E lado a lado *Catàmti* e *Wacmêti*⁴⁴ não existem mais’

‘And side by side *Catàmti* and *Wacmêti* no longer exist’

(92) *Mẽ ahêmpej xà ita kôt*

mẽ a-hêmpej xà ita kôt
PL 2-conhecer NMLZ DEM COM

‘O conhecimento de vocês’

‘Your knowledge’

(93) *mẽ pahkra mẽ patàmxwÿ te hajÿr xà ita kôt ra hamrẽ*

mẽ pah-kra mẽ pa-tàmxwÿ te=hajÿr xà ita kôt ra h-amrẽ
PL 1INCL-filho PL 1INCL-neto ERG=ASS NMLZ DEM COM já R-acabar

‘nossos filhos e netos, já está acabando’

‘our children and grandchildren, is already disappearing’

(94) *Kôt cupa*

kôt cu-pa
COM 1DU-estar

‘Então nós dois estamos’ [sentados]

‘So we are both’ [seated]

(95) *Cupa mẽ apãmjê jakàmpê pa*

cu-pa mẽ a-pãm-jê j-akàmpê pa
1DU-estar PL 2-pai-PL -no.lugar.de estar

‘Nós dois estamos, no lugar dos teus antepassados, estamos’ [sentados]

‘We are both, in the place of your forefathers, we are’ [seated]

44 Alusão à corrida de toras, em que as metades cerimoniais *Wacmêjê* e *Catàmjê* se enfrentam correndo *lado a lado*. *Catàmti* e *Wacmêti* são os nomes das toras com as quais se corre para marcar, respectivamente, a passagem do verão para o inverno e do inverno para o verão. Trata-se, assim, de uma ação ritual fundamental para o ciclo cosmológico, social e agrícola dos Krahô.

An allusion to the log race, in which the ceremonial halves *Wacmêjê* and *Catàmjê* confront each other by running *side by side*. *Catàmjê* and *Wacmêjê* are the names of the logs the competitors run with to mark, respectively, the passage from summer to winter, and from winter to summer. Thus, they constitute a fundamental ritual action in the Krahô cosmological, social, and agricultural cycle.

(96) *Pê jamãn ajco mẽ apãmjê mẽ aquêtjê ita ajco harẽ*

pê jamãn ajco mẽ a-pãm-jê mẽ a-quêt-jê ita ajco h-arẽ
PST sempre IPFV PL 2-pai-PL PL 2-avô-PL DEM IPFV R-dizer

‘Teus falecidos pais e avós sempre cantavam⁴⁵ assim’

‘Your deceased fathers and grandfathers used to always sing like this’

(97) *Ita pê ajco mẽ harẽ*

ita pê ajco mẽ h-arẽ
DEM PST IPFV PL dizer

‘Sempre cantavam assim’

‘They used to always sing like this’

(98) *Cuxà mã mãã*

cuxà mã mãã
COMP.IGUAL FOC EMPH

‘Como eles’

‘Like them’

(99) *Cormã cu mẽ amjĩ kôt hakôp mẽ pa increre cati*

cormã cu mẽ amjĩ kôt h-akôp mẽ pa in-crere cati
ainda 1INCL PL REFL COM R-observar PL 1INCL R-cantor grande

‘Nós dois estamos vendo que nossos grandes cantores’

‘We both are seeing that our great singers’

(100) *Quê ha increr itajê hamrẽ, “pronto”*

quê ha in-crer ita-jê h-amrẽ “pronto”
3EMPH IRR R-cantar DEM-PL R-acabar pronto

‘Estes cantores todos vão acabar, “pronto”’

‘These singers will all be gone, “that’s it”’

(101) *Quê ha hamrẽare hanẽ*

quê ha h-amrẽare hanẽ
3EMPH IRR R-acabar ASS

‘Irão deixar de existir mesmo’

‘They will surely cease to exist’

45 *-arẽ*, literalmente, ‘dizer’, ‘falar’. Em certos contextos pode designar também o ato de cantar, tradução pela qual opto aqui.

-arẽ, literally ‘to say’, ‘to speak’. In certain contexts, it can also designate the act of singing, which is the translation chosen here.

(102) *Impeaj to*

im-peaj to
R-belo INS
'Assim será'⁴⁶
'So it shall be'

(103) *Itar apu pa mẽ aquêjtjê jũcarã ita quê ha ra hamrẽare hanẽ*

itar apu pa mẽ a-quêjt-jê jũ-carã ita quê ha ra
DEM DUR ficar PL 2-nominador-PL INDF-limpo DEM 3EMPH IRR já
h-amrẽare hanẽ
R-acabar ASS

'Aqueles que estão ficando aqui no clarão⁴⁷ dos teus antepassados vão deixar de existir'
'Those who are standing here in the clearing of your forefathers will cease to exist'

(104) *Quê kãm mẽ cuprõn nare*

quê kãm mẽ cu-prõn nare
3EMPH LOC PL R-reunir NEG

'Não vão mais se reunir'
'They will no longer get together'

(105) *Ita mã*

ita mã
DEM DAT

'Agora'
'Now'

(106) *Ita mã mẽ amã kôt ate mẽ ipar*

ita mã mẽ a-mã kôt a-te mẽ i-pa-r
DEM DAT PL 2-DAT COM 2-ERG PL 1-ouvir-NMLZ

'Agora vocês nos ouviram'
'Now you have all heard us'

46 Trata-se de uma expressão com valor epistêmico, por meio da qual o falante garante a veracidade daquilo que está dizendo.

This is an expression with epistemic value, through which the speaker guarantees the truth value of what he is saying.

47 *Clarão* é, aqui, metáfora para o pátio, espaço continuamente limpo e onde ocorre boa parte da vida ritual dos Krahô.

The *clearing* here is a metaphor for the plaza, a continuously cared-for space where a good part of the ritual life of the Krahô takes place.

(107) *Cupa*

cu-pa

1DU-ficar

‘Nós dois ficamos’ [sentados]

‘We both stay’ [seated]

(108) *Cupa hanëan.*

cu-pa hanëan

1DU-ficar ASS

‘Ficamos mesmo’.

‘We do indeed.’

4. LISTA DE GLOSAS

ANT	anterioridade
ASS	assertivo
ATEN	atenuador
COMP.IGUAL	comparativo de igualdade
DIST.PST	passado distante
DS	sujeito diferente
FINLD	finalidade
R	prefixo Relacional
REL	posposição relativa

REFERÊNCIAS

AZANHA, G. *A forma Timbira: estrutura e resistência*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

D’ANGELIS, W. da R. O Xokleng, o Kaingang e sua filiação ao Proto-Jê: antecedentes para uma reflexão atual. In *Revista brasileira de Linguística Antropológica*, v.1, 283-314, 2004.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Langage* 55: 1979. P. 59-138.

_____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FRANCHETTO, B. *Falar Kuikuro: estudo etnolinguístico de um grupo Karibe do Alto Xingu*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1986.

_____. Rencontres rituelles dans le Haut-Xingu: la parole du chef. In BECQUELIN, A. M. & ERIKSON, P. (org.) *Les rituels du dialogue: promenades ethnolinguistiques en terres amérindiennes*. Nanterre: Société d'ethnologie, 2000, p. 481-509.

GIRALDIN, O. “Os jovens não querem escutar. Eles só querem ler” – A escola para os Krahô. *Ñanduty*, v.3, n.3, 11-23, jan-jun. 2015.

LADEIRA, M. E. De bilhetes e diários: oralidade e escrita entre os Timbira. In LOPES DA SILVA, A. & FERREIRA, Mariana K. Leal (org.). *Antropologia, História e Educação. A questão indígena e a escola*. São Paulo: Fapesp, 2001, p. 303-330.

LEA, V. Aguçando o entendimento dos termos triádicos Mëbêngôkre via aborígenes australianos: dialogando com Merlan e outros. *Liames*, n.4, 29-42, set. 2004.

MIRANDA, M. *Nominalizações na sintaxe da língua Krahô (Jê)*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

_____. *Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (família Jê, tronco Macro-jê)*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

NICHOLS, J. Head-marking and dependent-marking grammar. In *Langage*, v.62, n.1, 56-119, 1986.

NIMUENDAJÚ, C. *The eastern Timbira*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1946. 357 p.

NONATO, R. R. & Suyá, K., Suyá, J., Suyá, K. Kĩsêdjê. In FRANCHETTO, B. & STENZEL, K. (org.) *On this and other worlds: voices from Amazonia*. Berlin: Language Science Press, 2017, p. 355-385.

POPJES, J. & POPJES, J. Canela-Krahô. In DERBYSHIRE, C. & PULLUM, G. K. (org.) *Handbook of Amazonian languages*. Berlin; New York; Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986, p. 128-199.

RODRIGUES, A. D. Flexão relacional no tronco linguístico Macro-jê. *Boletim da Associação brasileira de Linguística*, v.25, 219-231, 2000

SEEGER, A. *Por que cantam os Kisedjê*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015. 320 p.